AVEIRO, 7 DE DEZEMBRO DE 1968 * ANO XV * N.º 735

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo * Administrador Alfredo da Costa Santos * Proprietários — David Cristo e Francisco Santos * Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telefone 23886 — AVEIRO

DR. MÁRIO SACRAMENTO

EMPIRISMO E CONSCIÊNCIA SINDICAL

DO que esbocei na semana transacta poderá inferir-se, meu caro Mário da Rocha, que a vida sindical não se realiza, entre nós, com a autonomia consciente que em qualquer regime lhe cumpre — inclusive no corporativo —, uma vez que nefastos hábitos e tutelas a têm trazido agrilhoada à orientação gremial, que o mesmo é dizer-se, patronal. E disse: *inclusive no corporativo*, porque é essa a realidade em que vivemos e foi um dos teóricos desse regime — o actual Presidente do Conselho, Marcello Caetano — quem escreveu: «o operário entrará no sindicato para nele valer mais em relação à sociedade, em relação ao patrão, em relação à profissão, em relação a si mesmo». Todos sabemos, não obstante, que nem sempre (ou quase nunca) tem sido assim, mercê de retaliações várias e, sobretudo, da tal falta de diálogo que procuramos suprir. Os nossos burocráticos Sindicatos não conseguiram ser, até hoje, corpos vivos, factores de educação social e política, elementos coordenadores das legítimas aspirações dos seus membros, mas sim instrumentos passivos de orientações que os ultrapassam e amesquinham. Perderam a sua qualidade (livre e responsável) de órgãos de base: são cordelinhos que o topo maneja, muitas vezes.

Ora, a deliberação (tomada recentemente pelo Governo) de as futuras direcções sindicais, correctamente eleitas pelos seus membros, não estarem sujeitas, como até aqui, a homologação superior, constitui um primeiro passo (caso se concretize) no sentido da restituição dos Sindicatos à sua legitimidade de porta-vozes das massas trabalhadoras que representam. Isto implica, como é óbvio, a re-consciencialização destas, o seu acordar do letargo em que têm jazido, a sua promoção a vectores eficientes da vida nacional. E aqui temos nós um novo aspecto, Mário da Rocha, em que o sectarismo religioso (ou anti-religioso) se desvanece: ao discutir, no seu Sindicato, os interesses que lhes são comuns, os trabalhadores não curam de saber se são católicos ou ateus, mas (apenas) se vêem correctamente os problemas que a todos por igual abrangem, e se podem encontrar para eles soluções realistas e construtivas. Libertarem-se do empirismo das fórmulas herdadas e substituí-las por análises científicas das conjunturas próprias e alheias — com vista ao encaminhamento de uma emancipação progressiva — eis, uma vez mais, o único caminho do futuro.

Veja o meu Amigo o que sucederá, por exemplo, se a defesa da estabilidade financeira em França obrigar o governo deste país a congelar as remessas de numerário que os nossos trabalhadores-emigrantes fazem de lá para cá, todos os meses! Que repercussões não terá (teria...)

Continua na página dois

EM LISBOA

UMA HOMENAGEM AO DR. VALE GUIMARÃES

Em sinal de regosijo pela recente renomeação do sr. Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães para Governador Civil de Aveiro, os naturais deste distrito residentes na capital decidiram homenagear ali o ilustre aveirense, no decurso de um jantar, que se realizará na próxima quinta-feira, 12 de Dezembro corrente, pelas 21 horas, na Casa do Leão, Castelo de S. Jorge.

A notícia foi-nos amàvelmente transmitida pelo sr. Pompeu de Oliveira Rocha, que, em nome da comissão promotora, nos pede para anunciar — gostosamente o fazemos — que a inscrição, aberta em princípio aos naturais do distrito de Aveiro, teve que tornar-se extensiva aos sócios do Clube de Futebol «Os Belenenses», a instâncias de numerosos amigos do homenageado, figura de grande relevo nos quadros da tão popular agremiação lisboeta. As inscrições estão abertas: na Pastelaria Benard, ao Chiado; no Clube de Futebol «Os Belenenses», à Avenida da Liberdade; no Café Mexicana, à Praça de Londres; e no Restaurante «Vavá», à Praça dos Estados Unidos — e fecham depois de amanhã, 9.

A SANTA CASA DESDE O INÍCIO DESTE SÉCULO

O dinâmico Provedor da Santa Casa, sr. Comendador Egas Salgueiro, proferiu, ali, substanciais palavras, na recente homenagem ao sr. Dr. José Gamelas. Demos já relato do acontecimento. Hoje, como prometêramos, transcrevemos a parte do discurso do sr. Provedor que constitui documento para a história da benemerente instituição

REPORTEMO-NOS ao ano de 1900.

À volta da igreja da Misericórdia, construída no ano de 1610, existiam vários edifícios que serviam de Hospital: do lado Norte, e recuados, uns mais antigos, possìvelmente construídos anteriormente à igreja e destinados aos doentes infectocontagiosos; com frente para a rua, a Casa do Despacho, onde reunia a Confraria, havendo ainda ao centro um pequeno claustro; do lado Sul, um edifício construído posteriormente, em cujos andares superiores estavam instaladas enfermarias de homens e mulheres e o rés-do-chão alugado a um estabelecimento comercial, onde ainda hoje se encontra uma loja de ferragens.

As várias Mesas Administrativas já tinham verificado que esse conjunto de edifícios não oferecia as condições mais apropriadas ao tratamento de doentes; e, assim, nesse ano de 1900, por iniciativa do Provedor, o Visconde da Silva Melo, pessoa que gozava de grande prestígio e simpatia no meio social aveirense, iniciou-se uma campanha para a construção de um novo edifício hospitalar. Organizando quermesses, bailes de beneficência, subscrições, festas no jardim público, conseguiram-se os primeiros fundos para a compra do terreno e para início da respectiva construção, cujo projecto foi confiado a um notável aveirense, professor Francisco da Silva Rocha, autor de várias construções ainda existentes nesta cidade.

Com o falecimento do Visconde da Silva Melo, a construção do novo Hospital perdeu o inicial ritmo acelerado, e os três corpos que compõem o Hospital ficaram inacabados e alguns anos abandonados. A nossa cidade era, nesse tempo, pouco mais do que uma vila, embora capital de distrito, sem indústrias de grande valor, com pouco comércio, ainda que com uma regular agricultura e pecuária no seu concelho.

Mas, em 1915, dois jovens aveirenses terminam os seus cursos de Medicina-Cirurgia e montam consultórios, um na freguesia da Glória e outro na da Vera-Cruz. Cheios de coragem e de novas ideias, vinham resolvidos a modernizar os velhos usos da cidade. Principiaram por acumular às suas profissões de médicos cirurgiões os lugares de professores do Liceu, onde revolucionaram o ensino, então ministrado por idosos e austeros professores.

Um, o Dr. Lourenço Peixinho ensinando Ciências, outro, o Dr. José Soares ensinando Francês. Dos dois fui

Continua na página três

DEPOIMENTO

DO DR. VASCO DE LEMOS MOURISCA • • •

SOBRE O FIM DOS TEMPOS

APROXIMA-SE a Parúsia? Cada povo terá a sua resposta, conforme o credo hierático que seguir.

Diz H. J. Forman: La fin du monde est proche, mais non pas telle qu'on la décrit. La fin d'un monde périmé. Peut-être aussi la fin de religions qui ne satisfont plus entièrement l'intelligence et la curiosité des hommes qui n'acceptent plus la paix de l'ignorance.

Antes de fechar o sermão profético, o Cristo disse: Em verdade vos digo que esta geração não passará enquanto se não cumprirem todas estas coisas. **(Lucas, 21-32)**

Fora da exegese profissional, falha de interesse, o hermeneuta livre dá-lhe este sentido: esta geração **é a cristandade inteira. E como as lástimas que ele anunciou estão aí à vista de todos nós, a geração está no fim.**

As profecias são a previsão de factos autênticos ou meros jogos de fantasia? Haverá resposta nos dois sentidos. Mas serão difíceis de contestar as que foram provadas pelos acontecimentos.

Nostradamus (1503-1566), astrólogo francês, previu factos extraordinários ans suas célebres 12 Centúrias, do ano de 1600 ao de 2000, publicadas em 1611. O tempo confirmou a maior parte. Apesar disso, houve quem contestasse muita coisa nelas. Jodelle satirizou-o nestes dois famosos versos latinos: Nostra damus cum falsa damus, nam fallere nostrum est / Et cum falsa damus, nil nisi nostra damus. **Quere dizer: nós damos o que é nosso quando damos enganos, porque é próprio de nós enganar; e, quando damos enganos, não damos senão o que é nosso.**

Miguel de Nostre-Dame nasceu em Saint-Remy-de Provence (Sul de França) em 14 de Dezembro de 1903. Formou-se e doutorou-se em Medicina

Continua na página três

DOIS DISCURSOS

CONSIDERAÇÕES MARGINAIS

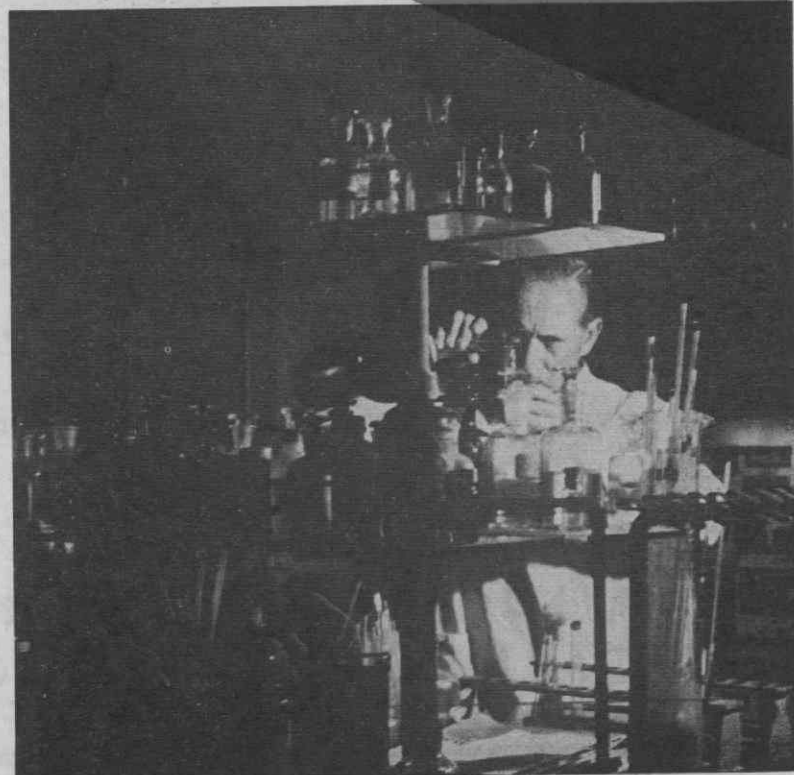
DR. AUGUSTO J. S. BARATA DA ROCHA

TEM Aveiro, desde há pouco tempo, a dirigir de novo o seu distrito, um nobre e devotado filho que, como todos sabem, quer por estarem presentes no acto da sua posse, quer pela leitura dos jornais, foi apoteòticamente recebido no governo civil onde milhares de pessoas tiveram a honra de ouvir o seu célebre discurso, célebre sob todos os acpectos mas, principalmente, pela maneira clara, desenvolta e honesta como foi proferido.

Citar a alegria interior e a satisfação da maior parte dos aveirenses que tiveram a dita de o ouvir, era repetir, sem necessidade, o que já foi propagado neste mesmo jornal. Abstenho-me, portanto, de relatar o que foi esse dia, que mais do que as palavras, as próprias fotografias gravaram para sempre na já longa história da nossa linda cidade.

Não posso, no entanto, deixar de voltar a reproduzir na íntegra algumas passagens do discurso do Dr. Vale Guimarães, passagens que em mim produziram uma agradável impressão e me trouxeram a certeza de que «a nau da Pátria vai agora navegar impulsionada por duas velas: a da autoridade e a da liberdade, esta ainda demasiadamente recolhida mas que será solta em manobra gradual de forma a que a nave,

Continua na página dois

Como número destacado das celebrações das «Bodas de Prata» do prestigioso Illiabum, foi marcada para a noite de ontem, em Ilhavo, uma palestra do Dr. Vasco Branco com projecção de filmes seus, entre eles, e em estreia, «A Grande Farsa», de que abaixo damos uma imagem. Virá «A Grande Farsa» a ser mais um Grande Prémio para o famoso cineasta aveirense?

DOIS DISCURSOS

Continuação da primeira página

que é de todos nós, orientada por um firme timoneiro, siga o rumo e possa sulcar mais ràpidamente as águas da concórdia e do progresso».

Semanas antes, um não menos célebre discurso foi proferido pelo Professor Doutor Marcello Caetano no acto de posse para Presidente do Conselho. Eu e muitos outros, por que não dizer, quase todos os portugueses, ficámos convencidos de que, na realidade, estávamos em presença dum «firme timoneiro», dum homem realmente capaz de conseguir alicerçar todos os Portugueses à volta do mesmo ideal — o amor pela continuação duma pátria que é nossa e que ninguém, seja qual for o argumento que invoque, nos pode roubar, mesmo que para esse roubo tenha que fazer uso do mais repugnante dos já citados argumentos — a força desonesta das armas.

Se os olhos são o espelho da alma, se isto é uma verdade que já nem psicólogos ou psiquiatras discutem, fácil é compreender que em presença da expressão fisionómica do Professor Marcello Caetano, da simplicidade das suas palavras e da modéstia dos seus actos, estamos em presença dum homem bom, dum político hábil e comedido que saberá fazer compreender, como diz Fulton Scheen, que um povo ou um homem feliz será sòmente aquele que nunca compensa a ausência de verdades interiores, com a acumulação de conhecimentos externos e que essa felicidade não se atinge sem uma justa compreensão de certos problemas que se não podem conseguir, sem uma melhoria dum intelectualismo activo e real, sem o qual todo o diálogo se transforma num monólogo, mas num monólogo inútil e prejudicial, principalmente para aqueles que ainda ganham o seu pão à custa dum trabalho corporal mais ou menos descerebrado.

Onde quero eu chegar com estas minhas despretensiosas considerações...? A certeza de que sem um incremento do ensino em Portugal não poderá haver desenvolvimento cívico da maioria da população de forma a que o «voto» possa vir a ser, duma forma consciente e num futuro próximo, a maneira mais lógica de escolher ou impor seja o que for, quer homens, quer ideias.

Ligado como estou há muitos anos à pedagogia, tenho a certeza que o Porfessor Marcello Caetano fará, ou melhor, continuará a fazer pelo ensino o que de melhor estiver ao seu alcance de forma a que a «democratização» do mesmo possa ser entre nós, e dentro de breve prazo, uma realidade.

Mas, para isso, é preciso professores à altura e é necessário também ter mais universidades, liceus e escolas, de forma a que o nosso índice de alfabetismo possa atingir, como nos informa o escritor Fernando Namora, no seu belo livro «Um sino na montanha», o índice de 99 % como já se verifica actualmente na Finlândia.

Poder-se-á argumentar que não se forma um bom professor em meia dúzia de anos, nem se criam universidades, liceus e escolas sem um prévio estudo das nossas realidades momentâneas económicas e financeiras.

Concordo... mas nós temos bons professores universitários e muitos professores liceais que poderiam, mesmo sem concurso, brilhar como ilustres pedagogos na maior parte dos nossos centros de ensino superior. Temos tudo isto embora em número restrito para as necessidades prementes do vasto mundo português.

Porto, 23 de Novembro de 1968

AUGUSTO J. S. BARATA DA ROCHA

Teatro necessário

Continuação da última página

tem «as costas largas» (desculpem o termo) mas o que é verdade e incontestàvelmente certo é que sem as pessoas, sem a sua colaboração (no palco ou nas cadeiras, como assistentes) esse mesmo Teatro não pode subsistir. Por isso eu tento destruir a ideia errada e ultrapassadíssima de que a arte de representar (no plano amador) é apenas uma maneira vulgar «de passar o tempo» ou que ela possa significar «degradação» ou «mau gosto». O Ceta (por exemplo) tem sempre enormes dificuldades em conseguir raparigas para os seus elencos e, por muitas vezes, peças que poderiam ser bem defendidas pelo grupo, têm que ser postas de lado, em virtude de não haver moças para preencher os papéis femininos nelas existentes, com manifesto prejuízo para as suas actividades e valorização.

O CETA tem feito tentativas e esforços sem conta para conseguir atrair os jovens para o seu convívio, especialmente no sector feminino; mas a obstinação negativa continua.

Recordo que, ainda não há muito tempo, uma das figuras actualmente mais destacadas do nosso Teatro profissional, depois de assistir em Lisboa (como sempre faz quando o grupo lá se desloca) a uma das representações do CETA afirmou-me, entusiàsticamente: «Vocês (O CETA) são extraordinários e fazem do melhor teatro do País (não fazia nem admitia separação entre o profissional e o amador). Continuo vosso fan «até aos ossos», indefectível. Quase sem querer, não posso deixar de ligar este episódio àquele que nos contou (penosamente e de certo modo estupefacto) um conceituado dramaturgo português que se deslocou propositadamente a Aveiro para visitar aquela colectividade e quase desistiu de o fazer, pois não conseguia encontrar no burgo quem o informasse onde ficavam as instalações do CETA. Inclusivamente, algumas pessoas chegaram a afirmar-lhe o seu desconhecimento total (e até admiração irónica!) da existência de um grupo teatral na cidade. E, segundo disse o próprio dramaturgo, interpelou variadíssimos cidadãos. As conclusões (em face destas evidências gritantes) são muito fáceis de tirar.

Claro que tudo isto se reflecte na primeira das duas frases que deram origem a mais esta minha despretensiosa tentativa. O pensamento e a ideia que transparecem daquelas quase-afirmações completam-se perfeitamente com as incongruências a que atrás me refiro. Qualquer que seja a actividade cultural que se transforme em «brincadeiras de rapazes» ou «em meros passatempos de inverno» está sempre condenada ao malogro e ao esquecimento. É lógico. No entanto, é necessário separar o trigo do joio. Esclarecer e elucidar é o que eu pretendo. Quem luta por um ideal merece respeito. E quem de há muito justifica carinho e admiração não pode ser (de maneira nenhuma) votado ao ostracismo. É o caso.

JOSÉ JÚLIO FINO

Empirismo e Consciência Sindical

Continuação da primeira página

isso na economia nacional? A hipótese serve apenas a mostrar como todos dependemos da equação correcta dos problemas da mão-de-obra, a qual não é realizável sem a livre auscultação dos motivos subjectivos e objectivos que a levam a procurar na emigração o que não encontra aqui. Sem uma transformação de estruturas que fixe os valores que esbanjamos e recupere os que perdemos, a nossa instabilidade é uma crise artificiosamente adiada. E tal transformação implica a mobilização de todas as energias nacionais, logo a do trabalho em primeira mão. Teimar em iludir isto é meter a cabeça na areia, como a avestruz. Ou vendar os olhos, face ao pelotão executor da concorrência internacional e seus mercados. O escudo é uma moeda forte? Pois menos exportaremos! Se é forte mercê (em parte) das divisas que entram em troca do trabalho que sai, urge pensar, face aos perigos que espreitam, na premência em que estamos postos de aplicarmos esse trabalho numa indústria capaz e numa lavoura modernizada! Em consequência, num comércio que encontre poder de comprar e saiba desenvolver-se a compasso com as outras estruturas.

Tudo isto é simples no papel e difícil no real! Por isso mesmo, é preciso menos *papel* (burocrático) e mais *real* (activo, despojado de convenções entorpecedoras), o que significa diálogo vivo, Mário da Rocha, em todos os escalões da vida social! Alteridade-*versus*-alienação, como vínhamos dizendo: alteridade que assuma o *outro* como parte de um todo que é superação comum; alienação que é (e se impõe deixe de ser) perda do sentido das responsabilidades ou abdicação do sujeito no que o *coisifica* como peça inerte dum mecanicismo que não abrange — e supõe indiferente à intervenção que sobre ele exerça. (E é isto exacto, se individualmente considerado, mas deixa de o ser como labor comum e diversificado, tal qual os dedos de uma mão — que são diferentes, mas unidos e válidos pelo punho que os sustenta!) E aqui descubro que não me vou calar desta, ainda: o tema é poliédrico, tem de ser visto de todos os ângulos. Até à semana, Mário da Rocha, com benevolência de todos.

MÁRIO SACRAMENTO

A Santa Casa desde o início deste século

Continuação da primeira página

aluno, tendo tido ocasião de apreciar as diferenças nos métodos de ensino na comparação com os anteriores professores. Mas a sua acção começou a ir mais longe: enquanto o Dr. Lourenço Peixinho entrava para o Hospital como médico — e mais tarde aliava a este cargo o de Provedor —, o Dr. José Soares ocupava a presidência da Câmara Municipal, onde inestimáveis serviços, quer um quer outro começaram a prestar à cidade. Mas o Dr. José Soares, também médico militar, teve que se afastar dos lugares públicos.

Estamos em 1916: continuava o Hospital instalado no impróprio edifício, na antiga Rua Direita; e abandonado o novo edifício hospitalar, construído, sob os auspícios do Provedor Visconde da Silva Melo.

O Dr. Lourenço Peixinho, com sangue novo e cheio de dedicação pelo seu Hospital, verificou a necessidade da mudança imediata para o novo edifício, embora ainda por concluir.

Planeou e resolveu proceder à transferência de todos os doentes; e o que tanto demorou a fazer durante alguns anos, fê-lo o então Provedor numa só noite. Mas, quase só, o Dr. Lourenço Peixinho parecia aguardar algum colega para o ajudar. E esse outro médico, outro aveirense, formou-se em 1916; dois anos depois, em 1918, entrava para médico do Hospital. Era o Dr. José Vieira Gamelas. Num amplexo forte, muito unidos, os dois médicos completavam-se num ardoroso serviço, como que à compita de ver qual deles mais se dedicava ao Hospital. Criaram uma consulta externa, onde alternadamente viam os doentes; e, logo que lhe foi possível, o Dr. José Vieira Gamelas montava um laboratório de análises clínicas, de que foi Director durante alguns anos.

Nesse tempo, apenas três médicos trabalhavam no Hospital: o Provedor, Dr. Lourenço Peixinho; o Dr. José Vieira Gamelas; e o Dr. Armando da Cunha Azevedo.

Salientavam-se e destacavam-se, entretanto, os dois primeiros, e de tal maneira, que o Hospital de Aveiro criava fama e era citado como modelo em higiene e tratamento.

O Dr. Lourenço Peixinho, que foi Provedor durante 28 anos — até 1943, ano em que faleceu —, e que podemos considerar o melhor Provedor da nossa geração, teve sempre como colaborador e amigo dedicado ao Hospital o Dr. José Vieira Gamelas. Era dedicação dilecta, cheia de sacrifícios e sem compensação material, pois que então os médicos hospitalares não recebiam quaisquer honorários, nem o Hospital ainda auferia lucros com doentes particulares.

Só dedicação, amor e sacrifícios pelos que sofriam, pelos que pediam a protecção hospitalar, com chamadas a qualquer hora, de dia ou de noite, os dois médicos corriam para o Hospital, a pé ou de bicicleta, pois o automóvel era ainda nesse tempo um grande luxo.

Falecido o Dr. Lourenço Peixinho, continuou o seu colaborador, Dr. José Vieira Gamelas, a prestar os seus melhores serviços ao Hospital; e, entretanto, ocupou o lugar de Director Clínico, que conservou durante alguns anos.

Estamos em 1968. O Hospital da Misericórdia, hoje Hospital Regional de Aveiro, já não tem comparação com o de 1918, meio século antes. Três médicos trabalhavam então no Hospital; hoje contam-se 34 de várias especialidades — enquanto que, em 1918, os três existentes acumulavam todas as especialidades.

Atravessou todos estes cinquenta anos o Dr. José Vieira Gamelas, assistiu às várias metamorfoses hospitalares, acompanhou sempre, com o maior desvelo e entusiasmo, as inovações introduzidas. Dedicadíssimo, teria sido com grande desgosto que pediu a demissão do seu querido Hospital, onde sofreu, onde teve horas de alegria.

Esquemas de conciliação

Continuação da última página

mitem, dentro do possível, a subordinação a um todo complexo plano de inibições e contrariedades. Persistem sempre. Ainda que a sua esperança, aquela que os liberta do pessimismo, se encontre remotamente rumorejante. Por isso, aguardam concretizações consequentes para valorização do teatro e da espécie. Até lá, procuram fugir à realidade caduca duma continuidade adulterada.

O compromisso que assumimos com as nossas actividades — e porque as nossas ideias coincidem e não coincidem —, conduziu-nos (ou vai conduzir-nos) para um caminho divorciado de todo o humanismo. Este facto forçar-nos-á a penetrar em terrenos puramente ideológicos que, fatalmente, redundarão em desinteressante irrealidade. Será um conceito, mas um conceito que consideramos.

Portanto, pretende-se que este texto constitua resposta a Jorge Sarabando Moreira — a quem continuamos a testemunhar a mesma abertura, prolongável, sempre que queira, em conversa de mesa redonda — e a afirmaão definida duma posição, perante as realidades do nosso teatro.

ARTUR FINO

DEPOIMENTO...

Continuação da primeira página

pela Universidade de Mompilher, viajou por terras várias, sobretudo Itália, e fixou-se em Salon de Provence, como médico.

Casou duas vezes: a primeira, com Adriette de Loubjac, que lhe deu dois filhos. Ficou viúvo e sem eles, levados pela peste negra de 1545, na Provença. Conseguiu debelar a peste, mas não evitou que ela lhe levasse a família. Surge em Lyon outra epidemia e ele consegue debelá-la. O seu nome ganha fama, em França e no estrangeiro. É um médico de grande nome. Mas o povo sente que ele tem poderes que ultrapassam a Medicina. Começa a redigir as suas profecias, fruto da sua vidência manifestada pela intuição. A Medicina e a profecia dão-lhe uma fama única, no tempo. É chamado às cortes da Europa e feito conselheiro dos reis.

Além das 12 Centúrias, escritas em quadras de versos de 10 e 12 sílabas, escreveu, ainda, em verso, os Presságios e as Predições. Em prosa, escreveu a «Carta a Meu Filho César Nostradamus» e uma «Carta a Henrique II, rei de França».

Voltou a casar, com Ana Ponsard, que deixa viúva em 2 de Julho de 1566 em Salon.

A 1.ª edição da sua obra foi feita em Lyon, em 1555, sob o título «Les Vrayes Centuries et Profeties de Maistre Michel Nostradamus», por Macé Bonhomme. Continha sòmente a Carta ao Filho e as primeiras Centúrias. Em 1568, o editor Regaud fez nova edição, com mais Centúrias. Mas a edição completa só viria a ser feita em 1668 em Amesterdão, pelo editor Jean Janson.

Importa notar que as Centúrias não estão inseridas por ordem cronológica, o que tem embaraçado os exegetas e provocado grandes erros.

As mais claras profecias foram as feitas sobre a Revolução Francesa, sobre a vida de Napoleão, sobre a Guerra Franco-Prussiana, sobre a 1.ª Grande Guerra, sobre Hitler, que é designado por Hister, nome que o rio Danúbio teve outrora, perto do local onde nasceu o Führer. Previu todas as fases do Partido Nacional Socialista, desde a sua subida ao poder até à sua queda com o fim da Guerra.

Para o fim dos tempos (e o fim dos tempos conexados com as Centúrias é o ano de 2 000) Nostradamus prevê grandes abalos. Dominada a Terra, será dominada a Lua, para o que, a meu ver, falta pouco: os homens estarão lá dentro de meses. Então, será o domínio de Saturno. Saturno era, na Mitologia, o deus da abundância, mas devorava os seus próprios filhos. A abundante civilização que vivemos — diz o comentador — já está devorando os seus próprios frutos. Será a época do desvario, dos grandes gastos, do desfazer das fortunas, da ruína das famílias, da loucura do ouro (Capitalismo), da subversão dos valores morais, da indisciplina como regra de vida. Depois, virá a grande revolução socialista, que começará pela França. Paris será a grande capital comunista do Ocidente. É a época do anti-Cristo, nas proximidades de 1980. Depois será a guerra da socialização, guerra atómica, devastadora, a que se seguirá uma Grande Paz, com o resto exausto que sobrar do Ocidente europeu. Então, virá a grande invasão maometana, que subverterá a Europa. O Papa fugirá para o mar e lá findará seus dias. A Europa será salva e os maometanos esmagados pelas forças da América do Norte, que entrarão na Europa por Portugal. Será o fim dos tempos, assinalado pelo grande eclipse do sol, que a Ciência já marcou para 11 de Agosto de 1999, às 10 h. e 28 m.. Em Outubro, uma grande perturbação cósmica desequilibrará a Terra, que entrará em novo período geológico. E o ano 2 000, com a Humanidade que escapar, decidirá pela estupidez da guerra e entrará no terceiro milénio completamente melhorada.

Outro profeta notável foi S. Malaquias, Primaz da Irlanda, bispo de Connor e Arcebispo de Armagh. Foi canonizado em 1190. É conhecido pelo profeta dos Papas. Com efeito, foi sobretudo a sucessão papal que ele anunciou até Pedro que será, no seu dizer, o derradeiro Papa antes da última queda da Igreja Católica.

Não espanta que um arcebispo católico tenha previsto o fim da sua Igreja, se nos lembrarmos de que também o Oráculo de Delfos anunciou a sua própria destruição e, mais tarde, os profetas hebreus predisseram a destruição de Jerusalém e a dispersão do seu povo.

Segundo S. Malaquias, só quatro papas se seguirão ao actual Paulo VI. Não haverá que esperar muito... O último pontífice será Pedro, o Romano, que assistirá à destruição de Roma. Será o fim da «Idade Adâmica».

Malaquias designava os papas por uma chave latina. Disse, assim, que o 175.º seria Signum Ostienne. Este foi Alexandre IV (1264-1261) que era Cardeal de Óstia, cerca de Roma, antes da sua elevação ao sólo pontifício. Clemente XIII (1758-1769) foi designado pela chave Rosa Umbria, o que está certo, visto que ele era governador de Rieti, na Úmbria, e tinha por símbolo a rosa. Leão XIII estava designado por Lumen in Coelo, luz nos céus. Condiz, se se souber que as armas da sua família, os Pecci, tinham uma estrela cadente e um cometa.

Esperemos que Malaquias não tenha errado as contas... e felizes os que puderem assistir ao resto. Por mim, tenho pena, cá por coisas...

Outro profeta muito referido foi uma senhora: «Mother Shipton», que nasceu em 1488, no Yorkshire, sob o reinado de Henrique VII. O original dos seus escritos está no Museu Britânico.

Em pleno século XV, a Ti Shipton (e digo a Ti, porque mother, no inglês, e Mutter, no alemão, correspondem ao nosso popular Ti, abreviatura de tio ou tia, com que se designam, nos pequenos burgos, as pessoas simples) previu montes de factos e acontecimentos futuros. Previu o fim do mundo na Inglaterra para 1881. Ter-se-ia enganado ou, realmente, a raiz do desfazer da Commonwealth teria começado em 1881? Vejamos o texto da profecia da Ti Shipton, em pleno século XV: — As viaturas andarão sem cavalos e os acidentes vão desolar o mundo. Os pensamentos cruzar-se-ão à volta da Terra, num abrir e fechar de olhos. O homem passará sobre as montanhas, sem que precise de cavalo e andará também sob a água, dormindo e conversando. E será visto através dos ares, vestido de branco, de preto e de verde. Nas águas, o ferro flutuará como barcos de madeira. Muito oiro será descoberto em países ainda ignorados. O ferro e a água farão maravilhas, a Inglaterra conhecerá a invasão e o mundo findará em 1881.

Quere dizer: só não acertou na última previsão, a menos que se admita a hipótese acima ou se admita o engano do último algarismo e onde se lê 1881 deva ler-se 1891 — e então... aguardemos...

Para 1987, prevê o Astrólogo-psíquico contemporâneo Miguel Sokoloff perturbações mundiais de violência e fogo.

Embora já confirmado pela Metapsíquica, o Dr. Alexis Carrel provou experimentalmente que cada homem é dotado, mais ou menos, de poderes de telepatia e muitos indivíduos possuem condições de vidência ultrafânica.

Tem-se como irrefutável que os povos de origem celta são os que mais revelam estas qualidades ultra-sensíveis.

O Instituto de Parapsicologia ou Parapsíquica da Universidade de Moscovo, considerado o melhor do mundo, fez, há cerca de um ano, uma experiência telepática surpreendente: dois mediuns telepáticos, depois de positivas experiências de laboratório, foram afastados — um ficou em Moscovo e o outro foi levado a bordo de um submarino soviético para as distantes e fundas águas do Oceano Pacífico, sem que qualquer deles soubesse o que iria passar-se antes da hora. Então, no momento prèviamente estabelecido, ao que ficou na capital soviética foi-lhe dito que deveria receber, de um submarino longe no Pacífico, a comunicação psíquica de qual era a carta que o outro iria tirar, de um baralho, naquele momento. No submarino, o médium de emissão tirava a carta, que era vista pelo comandante e por um cientista, lia o valor da carta para um microfone ligado a um gravador e o cientista registava por escrito a carta de jogar saída. O médium receptor, em Moscovo, dizia a carta saída, no Pacífico, também para o microfone e também registada por escrito. Em 500 cartas tiradas, foi assinalado em Moscovo um único erro, o de uma pinta: em vez de um terno de copas, o médium receptor disse que era um duque de copas.

Entenda quem souber o extraordinário alcance que poderá sortir desta faculdade devidamente desenvolvida.

A vidência ultrafânica não agrada a hieráticos nem a ateístas — uns e outros atolados no dogmatismo da ideia feita, estratificados na ignorância, a pensar que são os últimos sábios do Planeta! Bem diz o Doutor Marcello Caetano, numa das suas obras: «Deus nos livre da tirania dos pedantes, que é a pior de todas as tiranias». E Biot, falando da oposição feita ao sistema de Copérnico — refere o saudoso escritor Dr. António Lobo Vilela — diz: «Não há nada tão seguro de si, nem tão intolerante, como a ignorância».

Os profetas suso-referidos não eram mais do que videntes, porque o fenómeno precede a sua definição. A origem do Direito é o facto. Mas podem errar, como homens que são. E, por isso, haverá que exercer sobre tudo o que disserem uma livre crítica, serena e desintoxicada, sem preconceitos hieráticos ou políticos, ambos perniciosos a uma dialéctica sã. Tão ridículos são os que negam, como os que afirmam sem bases científicas. O mundo, como a vida, é um evoluir constante.

Aproxima-se o fim dos tempos anunciado para os últimos anos do nosso milénio? Vem aí a guerra atómica, devastadora, aniquilante, predita para o pontificado de Pedro, o Romano? Kruchtchev admitiu-a, em um dos seus discursos. E importa lembrar que o Instituto de Parapsíquica da Universidade de Moscovo já existia em pleno desenvolvimento, no tempo do seu domínio político.

Estou como Jaime Brasil, que foi meu Amigo e meu Mestre: há que duvidar um pouco de tudo e que investigar sempre e muito, sem preconceitos de seita ou de partido.

Galileu, esmagado pelo dogmatismo empedernido do tempo, foi obrigado, para salvar a vida, a desdizer a sua verdade, cientificamente observada, do movimento da Terra! Galileu septuagenário e doente, abjurou a «heresia»! Mas, entre dentes, foi balbuciando: «Eppur si muove»...

Não se riam os negadores da Metapsíquica, porque, sem a cominação da fogueira, fazem exactamente a mesma figura dos contraditores de Galileu. A mesma sociedade que o fez abjurar em 1633 quere, agora, reabilitá-lo! A boas horas, tio Pedro!... E precisou de mais de três séculos para chegar à conclusão de que a Terra se move...!

7 / 10 / 1968

VASCO DE LEMOS MOURISCA

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	OUDINOT
Domingo	NETO
2.ª feira	MOURA
3.ª feira	CENTRAL
4.ª feira	MODERNA
5.ª feira	ALA
6.ª feira	M. CALADO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foram aprovados dois autos de medição de trabalhos para efeito do pagamento aos empreiteiros das seguintes obras: Arruamentos em Aradas — 3.ª fase — (Rua João Gonçalves Neto) — na superfície de 4 680 m2 — 2.ª situação, 102 068$00; e Construção do Edifício destinado à Repartição de Finanças, Tesouraria da Fazenda Pública e outros — 1.ª situação, 25 184$80.

●Foi aprovado o auto de recepção pro-

● Foi aprovado o auto de recepção provisório da obra de «Pavimentação, a asfalto, da Rua de S. João, em Verdemilho», verificando-se que esta empreitada importou em 89 409$20.

● Fóram apreciados 13 processos de obras que mereceram os seguintes despachos: 10 deferimentos, 1 indeferimento e 2 informações.

60.º Aniversário dos BOMBEIROS NOVOS

As comemorações dos sessenta anos de vida da prestimosa Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» decorreram tão singelamente quanto expressivamente, dando-se inteiro cumprimento ao respectivo programa.

É particularmente de referir o ambiente de sã confraternização que assinalou o jantar do último sábado — dia em que, rigorosamente, se completaram os 60 anos dos «Bombeiros Novos» — e em que usaram da palavra os srs: Eng.º Alberto Branco Lopes, Presidente da Direcção da humanitária congénere «Bombeiros Velhos»; prof. José Duarte Simão, Vice-Presidente, em exercício, da aniversariante; o Presidente da Direcção dos «Bombeiros Novos»; e, finalmente, o Presidente do Município, sr. Dr. Artur Alves Moreira, que presidiu ao jantar.

No dia imediato, depois da missa, em que proferiu expressiva e alusiva homilia o Rev.º Pároco da Vera-Cruz, sr. P.e Manuel António Fernandes, e da romagem aos três cemitérios da cidade (que o mau tempo prejudicou), teve lugar, no quartel-sede, uma sessão durante a qual foram impostas condecorações da Liga dos Bombeiros Portugueses aos seguintes elementos do Corpo Activo: Georgino Ferreira Bastos («Medalha de Ouro», por 20 anos de serviço exemplar); António Maia de Oliveira («Medalha de Cobre»); e António de Oliveira Pinto, Afonso Silva e Manuel Carlos Soares Pinto («Medalha de Prata», com 2 estrelas, por serviços no Ultramar).

A cerimónia presidiu o Chefe do Distrito, sr. Dr. Vale Guimarães. Saudado pelo Presidente da Direcção da aniversariante, o ilustre Governador Civil, na sua resposta, a todos cativou pela espontânea e vibrante paternalidade das suas palavras, que foram afirmação, uma vez mais, do seu indesmentível aveirismo.

COLÓQUIO SOBRE CINEMA NO C.E.T.A

Hoje, sábado, pelas 17.30 horas, e com entrada livre, realiza-se um colóquio sobre Cinema, na sede do Círculo de Teatro de Aveiro (C. E. T. A.), à Rua das Marinhas, n.º 16.

O colóquio, dirigido por Adelino Ramos, da Associação Académica de Espinho, focará, em especial, o Cinema Americano.

ENG.º NÓBREGA CANELAS

O sr. Eng.º António Sebastião da Nóbrega Canelas teve a gentileza de apresentar cumprimentos de despedida ao *Litoral*, patenteando a saudade com que deixa Aveiro, onde, ao longo de muitos anos, conquistou, por seus merecimentos e trato aliciante, justificadas amizades.

Também é com saudade que vemos partir para Leiria este nosso bom amigo, que tão zelosamente e tão competentemente se desempenhou das suas missões profissionais em Aveiro, quer como distinto técnico municipal, quer como Adjunto do Director da Urbanização.

Ao novo Director da Urbanização de Leiria desejamos as maiores felicidades pessoais e no exercício das elevadas funções que lhe foram confiadas.

PRÉMIOS PARA CANTONEIROS

Como é já tradicional, realiza-se na próxima segunda-feira, pelas 17 horas, na Delegação de Aveiro do Automóvel Clube de Portugal, uma sessão para entrega aos cantoneiros das estradas do Distrito dos prémios instituídos pelo Automóvel Clube de Portugal e pela Direcção de Estradas.

Presidirá o sr. Director de Estradas.

COMEMORAÇÕES DO «DIA DA MOCIDADE»

A Delegação Distrital da Mocidade Portuguesa comemorou, com diversas cerimónias realizadas no sábado e no domingo, em Aveiro, o «Dia da Mocidade».

No sábado, no campo de jogos da Escola Técnica, houve uma tarde desportiva, com competições de andebol, basquetebol e atletismo (corta-mato); na Casa da Mocidade, teve lugar o II Encontro Distrital dos Graduados da Divisão de Aveiro; e, em Vilar, à meia-noite, iniciou-se a Prova de Aptidão do Graduado.

No domingo, pelas 9.30 horas, os filiados dos centros locais concentraram-se junto do Padrão da M. P., na Rua do Infante D. Henrique. A seguir, e em consequência do mau tempo, as cerimónias foram transferidas para o ginásio do Liceu. Estiveram presentes as diversas entidades oficiais da cidade.

Durante a sessão realizada, proferiu uma alocução o graduado «comandante de bandeira» António Manuel Limas Correia, Comandante da Divisão de Aveiro; foram entregues diplomas, prémios, medalhas e insígnias a diversos filiados; usou ainda da palavra, no fecho, o Delegado Distrital da M. P., sr. Dr. Fernando Marques.

Pelas 11.30 horas, na Casa da Mocidade, foi inaugurada uma curiosa exposição retrospectiva da M. P. — que estará patente ao público até 15 do corrente; e, em seguida, realizou-se uma «mesa redonda» de encerramento do II Encontro dos Graduados e da Prova de Aptidão.

Realizou-se ainda um almoço de confraternização, no Refeitório da Legião; e, de tarde, no ginásio do Liceu, houve uma sessão de cinema.

30 ANOS DE DIOCESE RESTAURADA

Na próxima quarta-feira, 11, completam-se três décadas sobre a feliz data da restauração da nossa diocese.

Nesse dia, às 12 horas, os sacerdotes e alunos do Seminário de Calvão apresentam cumprimentos, na residência episcopal, ao venerando Bispo de Aveiro, sr. D. Manuel de Almeida Trindade; às 12.15, serão os consultores diocesanos e os sacerdotes, que celebraram este ano «Bodas de Ouro» ou «Bodas de Prata» da sua ordenação, a cumprimentar o ilustre Prelado; às 14.30 e às 15 horas, procederão a idêntica cerimónia, respectivamente, os superiores e alunos do Seminário de Santa Joana e o clero, regular e secular, da diocese; às 16 horas, haverá concelebração, na Sé, por todos os sacerdotes diocesanos que completaram no ano corrente 50 ou 25 anos de sacerdócio; e, às 17.30, nova cerimónia de cumprimentos, estes dos leigos da diocese de Aveiro.

PELO MUSEU DE AVEIRO

ESCULTURAS BENEFICIADAS

Na semana finda, regressaram ao Museu de Aveiro três esculturas de madeira, estofadas, que foram a tratamento e reintegração à Oficina de Escultura do Instituto de José Figueiredo (anexo ao Museu Nacional de Arte Antiga), cuja direcção efectiva é do Conservador Abel de Moura.

Além da beneficiação na magnífica imagem seiscentista, de vulto, de S. Domingos, outrora do altar próprio da igreja de Jesus, e actualmente exposta na escadaria nobre do Museu, foi igualmente restaurado o par de imagens barrocas dos Patriarcas das Ordens Mendicantes (um S. Francisco de Assis e um S. Domingos), em exposição num dos salões de Arte Sacra Barroca, na ala nova do Museu de Aveiro.

Os trabalhos decorreram sob direcção do Prof.-Escultor António Duarte, Mestre da referida Oficina de Escultura daquele estabelecimento do Ministério da Educação Nacional, com execução competente do restaurador José Torrado Rodrigues.

MOVIMENTO ATÉ 30 DE NOVEMBRO

Até 30 de Novembro findo, o Museu de Aveiro registou o seguinte movimento de entradas: gratuitas — 18 097; pagas — 2 172 (com o rendimento de 5 430$00). No número de visitantes, assinalou-se a presença de 11 256 senhoras e 9 013 homens.

No número de entradas gratuitas foram incluídas 5 010, referentes a alunos e dirigentes de 52 excursões escolares, que visitaram o Museu em dias a pagar.

Entretanto, as despesas atingiram 97 084$70 (pessoal, aquisições, restauro e conservação, luz, água, telefones e limpesa).

PELA LEGIÃO PORTUGUESA

«DIA DA PADROEIRA»

Associando-se às comemorações do Dia da Imaculada Conceição, a Legião Portuguesa promove amanhã, dia 8, em vários concelhos do Distrito, cerimónias festivas.

Em Aveiro, por iniciativa do Terço local, haverá: às 10 horas — concentração legionária, no Largo do Cap. Maia Magalhães; às 10.30 horas — comemoração da Padroeira; 11 horas — desfile na cidade; 12 horas — entronização da Imagem da Nossa Senhora da Conceição, na sala nobre do Comando; e, às 15 horas — sessão de cinema para legionários, familiares e amigos da Legião, na sede do Comando Distrital.

REUNIÃO DE TRABALHO

A fim de tratar de assuntos relacionados com o novo período de instrução da L. P., reuniram, no passado dia 30, no Comando Distrital de Aveiro, os comandantes e oficiais das unidades legionárias do Distrito.

À noite, no refeitório da L. P., realizou-se um jantar de confraternização, sob a presidência do Comandante Distrital, que, no encerramento, prestou homenagem a todos os que voluntàriamente servem, na organização, os supremos ideais da Pátria.

Homenagem ao DR. ARMANDO LÚCIO VIDAL

A Associação Jurídica de Aveiro homenageou, em 30 de Novembro findo, o seu ilustre Director M.º Juiz Dr. Armando Lúcio Vidal, recentemente promovido ao elevado cargo de Secretário do Conselho Superior Judiciário.

A homenagem, em que participaram numerosos consócios e amigos do homenageado, teve lugar nas novas e magníficas instalações da «Imperial», no decurso de um jantar em que usaram da palavra os srs.: Dr. António de Pinho, Presidente da Direcção da Associação Jurídica de Aveiro; Dr. Fernando de Oliveira, Vice-Presidente, por delegação do Presidente; Dr. António Guimarães, M.º Juiz-Ajudante; Dr. José Vieira Gamelas; Desembargador Mello Freitas, Presidente da Assembleia Geral da Associação Jurídica, que presidiu à homenagem; e, finalmente, o homenageado, que agradeceu, visivelmente emocionado, os louvores tecidos à sua brilhante personalidade de jurista insigne e à sua relevante e decisiva actividade na criação da Associação Jurídica de Aveiro.

CASAS PARA BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA

Tendo a Câmara Municipal de Aveiro cedido uma parcela de terreno situada no «Eucalipto», destinada à construção de casas para beneficiários da Previdência, ao abrigo da Lei n.º 2092, o Chefe da missão de Acção Social, sr. Dr. Rocha Cabral, realizará no dia 12 do corrente, pelas 21.30 horas, na sede do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Aveiro, um colóquio para esclarecer devidamente os interessados sobre o assunto.

CINE-TEATRO AVENIDA
Cartaz dos Espectáculos

Sábado, 7 — à tarde e à noite

Matar para não Morrer — com Robert Mark, Elina de Witt e Gordon Mitchell.

Para maiores de 12 anos.

Domingo, 8 — à tarde e à noite

Os Grandes Aventureiros — com Alain Delon, Lino Ventura e Joanna Shimkus.

Para maiores de 12 anos.

Quarta-feira, 11 — à noite

Cantinflas, Bombeiro atómico — com o famoso mexicano Mário Moreno («Cantinflas»).

Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 12 — à noite

Música no Coração — com Julie Andrews, Chistopher Plummer e Eleanor Parker.

Para maiores de 12 anos.

PELA JUNTA AUTÓNOMA

MOVIMENTO DE ENTRADAS

Durante o mês de Novembro, demandaram a barra de Aveiro 20 navios com uma tonelagem de arqueação bruta global de 16 973 tAB, distribuída por 9 navios de nacionalidade portuguesa e 11 de nacionalidade estrangeira, correspondendo a uma tonelagem média geral de 849 tAB por navio.

NOVAS PONTES-CAIS

Tendo em vista uma crescente valorização e um conveniente apetrechamento do porto de Aveiro, de molde a torná-lo cada vez mais acessível, como escala, ao tráfego marítimo, foram dadas por concluídas e já foram colocadas ao dispôr dos Serviços de Exploração duas novas pontes-cais, em betão armado, de 32 metros de comprimento cada, localizadas na zona do porto bacalhoeiro, na construção das quais foi investida uma importância que ultrapassou os 2 700 contos.

RENOVAÇÃO DAS LICENÇAS DE USO E PORTE DE ARMA

O Comando Distrital da P. S. P. de Aveiro lembra aos detentores de armas de caça, recreio e defesa, munidos de licença de uso e porte, cujas validades terminam em 31 de Dezembro corrente, que as devem renovar, durante o referido mês de Dezembro, caso não possuam autorização de simples detenção, sob pena de, não o fazendo, ficarem sujeitos a sanções previstas na Lei.

MOVIMENTO HOSPITALAR

Durante o mês de Outubro, registou-se o seguinte movimento no Hospital de Santa Joana Princesa:

Internamentos — Doentes existentes em 30 de Setembro: 140. Doentes entrados: 292. Doentes saídos: 299. Doentes existentes em 31 de Outubro: 133.

Intervenções Cirúrgicas — De grande cirurgia: 97. De pequena cirurgia: 18.

Serviços de Urgência — Consultas no banco: 363. Tratamentos: 809. Injecções: 449.

Banco de Sangue — Transfusões de sangue: 38. Transfusões de plasma: 13.

Serviço de Raio X — Radiografias efectuadas: 366. Sessões de fisioterapia: 184.

Análises Clínicas — Análises diversas: 1 106.

Consulta Externa — Consultas: 622. Tratamentos: 174. Injecções: 369.

Serviços Municipalizados de Aveiro

Concurso para Admissão de Pessoal

Faz-se público que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 15 dias a contar da data da 1.ª publicação do presente anúncio, para o preenchimento da vaga de MOTORISTA e das que ocorram no prazo de três anos, a que corresponde o salário diário ilíquido de 61$50 acrescido de 13$50 de subsídio eventual de custo de vida.

Podem concorrer indivíduos com pelo menos, 21 anos de idade e não mais de 35 (exceptuados, quanto a este limite, os que já forem serventuários públicos ou administrativos) com a habilitação mínima da 4.ª classe e os demais requisitos indicados no «Regulamento» respectivo, entre os quais a posse de carta de condução de serviço público.

Os requerimentos serão dirigidos ao Presidente do Conselho de Administração destes Serviços, contendo as indicações que constam do mesmo «Regulamento», e deverão ser entregues na Secretaria acompanhados dum impresso mod. D/4 e do documento comprovativo das habilitações.

Serviços Municipalizados de Aveiro, 5 de Dezembro de 1968

O Presidente do Conselho de Administração,

Dr. Artur Alves Moreira

Desportos

Continuações da página nove

FUTEBOL

Sumário Distrital

ZONA B

Bustelo — Oliveirense	1-1
Arrifanense — Cucujães	2-0
Valecambrense — Sanjoanense	0-7

ZONA C

Alba — Beira-Mar	2-1
Vista-Alegre — Avanca	1-0
Estarreja — Ovarense	1-1

ZONA D

Pampilhosa — Mealhada	2-0
Anadia — Oliveira do Bairro	0-2
Recreio — Valonguense	5-0

Classificações:

Zona A — 1.º — Paços de Brandão, 15 pontos. 2.ºs — Espinho e Lusitânia, 13. 4.º — Lamas, 12. 5.º — Feirense, 10. 6.º — Esmoriz, 9.

Zona B — 1.ºs — Oliveirense e Sanjoanense, 16 pontos. 3.º — Bustelo, 13. 4.º — Arrifanense, 12. 5.º — Cucujães, 8. 6.º — Valecambrense, 6.

Zona C — 1.ºs — Beira-Mar, Ovarense e Alba, 14 pontos. 4.º — Avanca, 12. 5.º — Vista-Alegre, 10. 6.º — Estarreja, 8.

Zona D — 1.º — Recreio de Agueda, 17 pontos. 2.º — Valonguense, 15. 3.ºs — Oliveira do Bairro e Pampilhosa, 12. 5.º — Anadia, 9. 6.º — Mealhada, 7.

JUVENIS

Resultados da 7.ª jornada:

ZONA A

Arrifanense — Bustelo	3-0
Ovarense — Lusitânia	1-0
Sanjoanense — S. Roque	4-0
Cucujães — Oliveirense	2-1
Espinho — Feirense	1-2

ZONA B

Vista-Alegre — Pampilhosa	1-1
Anadia — Beira-Mar	0-2
Mealhada — Avanca	0-0
Gafanha — Estarreja	2-0
Recreio — Alba	1-1

Classificações:

Zona A — 1.º — Feirense, 21 pontos. 2.º — Sanjoanense, 18. 3.º — Cucujães, 17. 4.º — Lusitânia, 14. 5.º — Oliveirense, 13. 6.ºs — Bustelo, Espinho, Arrifanense e Ovarense, 12. 10.º — S. Roque, 9.

Zona B — 1.º — Alba, 20 pontos. 2.º — Avanca, 17. 3.ºs — Beira-Mar e Pampilhosa, 15. 5.ºs — Vista-Alegre e Recreio de Agueda, 14. 7.º — Anadia, 13. 8.º — Mealhada, 12. 9.º — Gafanha, 11. 10.º — Estarreja, 9.

Basquetebol

com pedido de publicação, e hoje incluímos nesta Página. Vê-se, também, que a Associação acabou por vir de encontro a uma das sugestões apresentadas pelo Esgueira, assim se solucionando o «caso» — quanto a nós, da melhor e mais ajustada forma.

FEMININO

Resultados da 4.ª jornada:

SANJOANENSE — ESGUEIRA	41-10
ILLIABUM — GALITOS	22-20

Jogos para amanhã:

GALITOS — SANJOANENSE
ESGUEIRA — ILLIABUM

JUNIORES

Resultados da 10.ª jornada:

GALITOS — BEIRA-MAR	98-8
ESGUEIRA — SANJOANENSE	44-22

Jogos para amanhã:

SANJOANENSE — GALITOS
ILLIABUM — ESGUEIRA

JUVENIS

Resultados da 10.ª jornada:

GALITOS — BEIRA-MAR	69-8
AMONIACO — SANGALHOS	37-39
ESGUEIRA — SANJOANENSE	36-18

Jogos para amanhã:

SANJOANENSE — GALITOS
BEIRA-MAR — AMONIACO
ILLIABUM — ESGUEIRA

Um esclarecimento

a Associação da modalidade nisso não veja inconveniente. O adiamento puro e simples da jornada, tanto mais que ela engloba apenas mais um jogo ou ainda a da próxima para permitir a realização do nosso jogo no dia 7 de Dezembro, pelas 21.30 horas.

Apresentamos a V. Ex.as os protestos da nossa mais elevada consideração, aguardando que algo nos seja comunicado o mais breve possível.

Com cordiais,

Saudações Desportivas, somos,
Pel' Clube Povo de Esgueira
O Secretário

a) — A. TAVARES

Hóquei em Patins

cipiou com uma hora de atraso. Sabemos justificável o motivo, derivado da saída tardia da equipa de Lisboa, que teve de aguardar pela dispensa de atletas a cumprirem o serviço militar. Mas o público não foi informado do sucedido...

Xadrez de Notícias

Os futebolistas beiramarenses Eduardo (operado ao joelho direito, na penúltima terça-feira, em Lisboa) e Morais (lesionado no jogo contra o Torres Novas) têm sentido boas melhoras — mas não se sabe ainda quando podem voltar a ser incluídos na equipa.

Terminou o Campeonato Distrital de Damas da F. N. A. T. (por equipas), apurando-se a seguinte classificação geral: 1.º — Celulose. 2.º — Molaflex. 3.º — Fábricas Aleluia. 4.º — Ferroviários de Sernada do Vouga.

Olhai amigos — temos muito dinheiro e o crédito é para todos. Basta, para isso, ser chefe de família.

Nós não possuímos tanto dinheiro como o Tio Sam, mas sempre temos algum e procuramos emprestar melhor e a toda a gente. Porém, tu aí Zé Povinho, que não és rico, aonde vais tu buscar o dinheiro?

Aonde vou eu buscar o dinheiro?! Essa é boa! Vou ao Totta!

Crédito Popular

do

BANCO TOTTA-ALIANÇA

ao seu serviço

CUF-SPP

Três relógios que aliam a incomparável precisão OMEGA à elegância, à sobriedade e à distinção.

AGÊNCIA OFICIAL

Ourivesaria Matias & Irmão

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 78
Telef. 22429
AVEIRO

Jóias de valor. Lindos Artigos de ouro pratas de estilo e relógios OMEGA

Com cada relógio OMEGA é entregue um certificado que assegura a assistência técnica em 163 países, e sempre com peças de origem.

Que lhe vale usar um relógio se não tem horas?

Não deixe que relojoeiros improvisados batam mais no seu pobre relógio!

Na **OURIVESARIA VIEIRA**, *com pessoal profissional habilitado e boa aparelhagem, alguma electrónica, executam-se consertos em toda a espécie de relógios e aparelhos de precisão, com a máxima garantia e eficiência.*

OURIVESARIA VIEIRA - AVEIRO

Carros usados

Merc. Benz 220 S	1957
Merc. Benz 190 SL	1959
Merc. Benz 190 Dc	1962
Merc. Benz 180	1958
Opel Kapitan	1960
Opel Olímpia	1961-1962
Auto-Union 1000	1958
Lância Fulvia	1963
Cortina	1963
Taunus 12 M	1964
Citroen Ami	1962
Austin J-2 (furgon)	1965
M. Benz L338 (camion)	1961

Revistos. Facilidades de Pagamento

A. C. Ria, L.da

Telef. 24041/4 AVEIRO

A construção moderna exige parquetes de qualidade. . . .

...parquetes IMPAR

beleza e conforto

Agente em Aveiro e Concelhos limítrofes:

REPRESENTAÇÕES FERANA *de FERNANDO VIANA*

Rua de José Rabumba, 3 — Telef. 24694 — AVEIRO

MAYA SECO

Médico Especialista

Partos, Doenças das Senhoras — Cirurgia Ginecológica

Consultório na Rua do Eng.º Oudinot, 24-1.º — Telefone 22982

Consultas às 2.as, 4.as e 6.as, feiras, com hora marcada

Residência: *R. Eng.º Oudinot, 23-2.º* - Telefone 22080 - AVEIRO

Trespassa-se

Loja no centro da cidade, muito ampla, a 60 metros dos Arcos.

Tratar com Germano Fonseca, na Travessa do Governo Civil, 4-1.º, em Aveiro.

VENDE-SE

Carro usado «Auto-Union-1 000 S», em óptimo estado.

Pastelaria Cinderela, em Aveiro.

AUTOMÓVEIS

Precisa comprar, vender ou trocar o seu automóvel, dirija-se ao Stand **B M W**

de: **Rep. Aveirauto, L.da**

Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 161 — Telef. 22167 — AVEIRO

Rapaz

— com 14/15 anos.

Falar na Casa do Café, Rua do Gravito — Aveiro.

Martins Soares

Solicitador encartado

Travessa do Governo Civil-4-1.º E.

AVEIRO

Fábricas Aleluia

Azulejos

Louças

DECORATIVAS

SANITÁRIAS

DOMÉSTICAS

Cais da Fonte Nova

AVEIRO

Rua de Ferreira Borges — COIMBRA

Centro Particular de Transfusões de Aveiro

JOÃO CURA SOARES

MÉDICO

EX-ESTAGIÁRIO DO SERVIÇO DE SANGUE DO HOSPITAL DE SANTA MARIA

Serviço permanente de Transfusões de Sangue

TELEFONES: De Dia — 22349; De Noite, Domingos e Feriados — 22295, 24800

Terrenos para construção

VENDEM-SE 2 LOTES na Rua de José Luciano de Castro.

Informa-se no Horto Esgueirense.

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO COMÉRCIO

Sede — Alameda D. Afonso Henriques, 82 — Lisboa-1

AVISO

PROVA ANUAL DO DIREITO AO ABONO DE FAMÍLIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA
PROVA ADMINISTRATIVA

Os beneficiários devem, anualmente, fazer prova por meio de atestados passados pela Junta de Freguesia da área das suas residências de que subsistem as condições que dão direito ao abono de família e assistência médica em relação aos familiares pelos quais hajam requerido tais regalias.

A REMESSA DESSES ATESTADOS DEVERÁ SER FEITA ATÉ AO DIA 31 DO MÊS DE OUTUBRO DO CORRENTE ANO SOB PENA DE SUSPENSÃO DOS REFERIDOS BENEFICIÁRIOS.

No caso de *beneficiárias casadas ou solteiras com direito a abono*, deve ser indicado no atestado passado pela Junta de Freguesia, a situação do marido ou pai dos menores no que se refere à profissão e respectiva entidade patronal e bem assim a sua posição em relação ao agregado familiar.

Em relação aos *beneficiários que não vivam em comunhão de mesa e habitação com os ascendentes, por falta de condições de habitabilidade* deverá mencionar-se o facto e ser apresentado também, atestado passado pela Junta de Freguesia da área onde os ascendentes vivem, comprovando que estão a seu cargo.

Quando a *falta de comunhão de mesa e habitação se verifique por motivo de doença contagiosa do familiar ou estado de saúde que não permita a sua deslocação da área onde reside* deverá ser remetido, também, atestado médico comprovativo da situação, passado pelo sub-delegado de saúde da área da residência do ascendente.

ENSINO PRIMÁRIO

Relativamente aos menores sujeitos à obrigação de frequência do ensino primário deverão ser entregues, também, até 31 de Outubro, os respectivos certificados de matrícula, ou dispensa conforme os casos:

a) Para os descendentes com idade igual a 7 ou inferior a 13 anos, com referência a 31 de Dezembro, e que antes do ano lectivo 1964/65 já frequentavam a Instrução Primária e se matricularam na 2.ª classe ou classes imediatas, certificado de matrícula até à aprovação na 4.ª classe de harmonia com o disposto no decreto 38 969, de 27 de Outubro de 1952.

b) Para os descendentes que não tenham completado 14 anos no começo do ano escolar e que em 1964/65 se matricularam na 1.ª classe pela primeira vez ou como repetentes, certificado de matrícula até à aprovação na 6.ª classe, ou certificado de matrícula no ciclo preparatório do ensino secundário.

c) Os descendentes impossibilitados de frequentarem a escola deverão remeter os respectivos certificados de dispensa de matrícula.

ENSINO SECUNDÁRIO, MÉDIO E SUPERIOR

Os descendentes que atinjam a idade de 14 anos continuam a conferir direito ao abono desde que se encontrem a estudar. Nesse caso, o direito mantém-se até aos 18, 21 e 24 anos, conforme a frequência se verifique nos ensinos secundário, médio e superior, respectivamente.

Para a manutenção do benefício torna-se necessária a apresentação do documento comprovativo da matrícula no ano lectivo corrente e da frequência até final do ano lectivo findo, que poderá ser desde já entregue ou, impreterivelmente, até 31 de Dezembro próximo.

PROVA DE INCAPACIDADE

ANORMAIS REEDUCÁVEIS — Nos termos das disposições regulamentares os descendentes anormais reeducáveis com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos, mantêm o direito ao abono de família desde que se encontrem matriculados em escolas de reeducação para anormais.

Assim, os beneficiários com descendentes nestas condições, DEVERÃO APRESENTAR ATÉ 31 DE OUTUBRO PRÓXIMO, e em conjunto com o atestado de prova anual, certificado de frequência em estabelecimento de recuperação.

INCAPACITADOS DEFINITIVAMENTE — Os beneficiários com descendentes de idade superior a 14 anos que se encontrem total e permanentemente incapacitados de angariar meios de subsistência devem apresentar na Caixa, TAMBÉM ATÉ 31 DE OUTUBRO PRÓXIMO conjuntamente com a prova anual, atestado médico comprovativo da incapacidade passado pelo facultativo da Previdência Social que abrange a área das respectivas residências.

MUITO IMPORTANTE

Para os descendentes que frequentam a 5.ª e 6.ª classes mas cuja idade seja igual ou superior a 14 anos no começo do ano escolar, a prova de matrícula poderá ser entregue até 31 de Dezembro, uma vez que aquelas classes foram equiparadas a curso secundário.

— A ENTREGA FORA DO PRAZO DOS CERTIFICADOS ESCOLARES, QUER DO ENSINO PRIMÁRIO QUER DO ENSINO SECUNDÁRIO, MÉDIO OU SUPERIOR, QUER AINDA DOS ATESTADOS MÉDICOS DA PROVA DE INCAPACIDADE, IMPLICARÁ A PERDA DO DIREITO ATÉ AO MÊS, INCLUSIVE, EM QUE FOR EFECTUADA A PROVA EXIGIDA.

Os beneficiários que momentâneamente deixaram de receber abono de família, por não estarem a descontar, têm mesmo assim conveniência em entregar os documentos competentes, para manter actual o direito e permitir o imediato processamento dos benefícios logo que voltem de novo a contribuir.

Os beneficiários que deixaram de pertencer a esta Caixa, não têm de apresentar qualquer documentação, devendo fazê-lo na Caixa para onde estejam contribuindo.

Lisboa, Outubro de 1968

A DIRECÇÃO

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Beira-Mar, 1 — Torres Novas, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte. Árbitro: Carlos Dinis, auxiliado pelos srs. João Oliveira (bancada) e Orlando Sousa (peão), todos da Comissão Distrital de Lisboa.

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Paulo; *Bernardino, Abdul, Marçal e Marques; Colorado e Amaral (Joca aos 80 m.); Morais (José Manuel, aos 82 m.), Cleo Sousa e Almeida.*

TORRES NOVAS — Giesteira; Tuna, Rocha, Correia e Bruno I; Barroca (Bruno II, aos 46 m.) e Nogueira; Real, Hugo, Borges e Maia.

Aos 19 m., em lance conduzido pelo flanco direito, Morais lançou Amaral, que centrou com boa conta. O brasileiro Cleo fez-se ao lance, simulando o remate e deixando seguir o esférico para SOUSA, que, melhor colocado, em corrida, rematou sem defesa, fazendo a bola entrar rente ao poste.

Chuva fortíssima, a cair com bastante intensidade, em muitos períodos, tornou muito difícil o trabalho dos atletas, que tiveram de actuar sobre um relvado traiçoeiro e empapado.

Os beiramarenses, melhor adaptados ao piso, dominaram, de começo a final, e tiveram sempre o comando do jogo. Foram, por isso vencedores inquestionáveis — e mereciam, amplamente, um score mais dilatado. Refira-se, porém, que tal não aconteceu porque os aveirenses, na finalização, foram infelizes (numas ocasiões) e desastrados (noutras jogadas); e, também, porque Giesteira, com um punhado de intervenções de mérito, evitou maior punição à sua turma.

O Torres Novas, nas raras vezes que saiu do seu meio-campo, em contra-ataque, logo foi anulado, pela segura e atenta defesa de Aveiro, que viveu sem problemas. De facto, os visitantes, preocupados com a defesa da sua baliza, não tiveram tempo para nada mais...

Salientaram-se entre os locais, o jovem defesa Marques, pleno de querer; Abdul, Marçal e Colorado, sempre esclarecidos e empreendedores; Morais, o dianteiro com rendimento mais positivo, que veio a sair, lesionado; e ainda Amaral, imaginoso e hábil, mas um pouco pessoalista (que também veio a ser substituído, por quebra física).

No Torres Novas, Giesteira esteve brilhante. Depois dele, merecem citação Rocha, seguro e eficiente, Correia e Tuna, ambos aplicados e de utilidade evidente, e Nogueira, com bom toque de bola e notável consciência de jogo.

Arbitragem em nível de agrado total. Juiz de campo autoritário, com bons auxiliares, sabendo aplicar as leis do jogo com firmeza, critério seguro e justo e sem falhas.

AMANHÃ

TAÇA DE PORTUGAL

Prossegue, amanhã, a disputa da TAÇA DE PORTUGAL, com dezanove desafios, correspondentes à segunda eliminatória.

Os grupos do nosso Distrito ainda no torneio, têm este programa:

Fafe — LAMAS
FEIRENSE — Estrela de Portalegre
BEIRA-MAR — Covilhã

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 15 DO «TOTOBOLA»

15 de Dezembro de 1968

N.os	CLUBES	1	x	2
1	U. Tomar — Varzim	1		
2	Atlético — Leixões	1		
3	Guimarães — Setúbal	1		
4	Académica — Belenen.	1		
5	Porto — Benfica	1		
6	T. Novas — Salgueiros	1		
7	Tramagal — Beira-Mar			2
8	Gouveia — Famalicão	1		
9	Valecamb. — A. Viseu	1		
10	Oriental — Lusitano	1		
11	Sesimbra — Barreirense			2
12	Luso — Alhandra	1		
13	Sintrense — Portimon.	1		

REGISTO

Resultados da 11.ª jornada:

SALGUEIROS — PENAFIEL . 2-0
BEIRA-MAR — T. NOVAS . . 1-0
FAMALICÃO — TRAMAGAL . (a)
A. VISEU — GOUVEIA . . . 4-0
COVILHÃ — VALECAMBREN. 2-0
ESPINHO — TIRSENSE . . 0-0
BOAVISTA — LEÇA 3-0

(a) — Interrompido ao intervalo (1-1)

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Boavista	11	8	1	2	25-10	17
Famalic.	10	7	1	2	22-12	15
BEIRA-MAR	11	6	1	4	14-9	13
Tirsense	11	5	3	3	16-10	13
Salgueir.	11	5	2	4	18-9	12
Penafiel	11	5	2	4	13-14	12
Tramag.	10	5	1	4	19-18	11
A. Viseu	11	5	1	5	18-15	11
Gouveia	11	5	1	5	12-18	11
T. Novas	11	2	6	3	10-11	10
Leça	11	5	0	6	14-21	10
Espinho	11	3	2	6	14-21	8
Valecam.	11	2	2	7	10-22	6
Covilhã	11	1	1	9	7-22	3

Próxima jornada:

BOAVISTA — PENAFIEL
TORRES NOVAS — SALGUEIROS
TRAMAGAL — BEIRA-MAR
GOUVEIA — FAMALICÃO
VELECAMBRENSE — A. DE VISEU
TIRSENSE — COVILHÃ
LEÇA — ESPINHO

Sumário Distrital

I DIVISÃO

Resultados da 7.ª jornada:

Estarreja — Pejão 5-1
Anadia — Cucujães 5-0
Alba — Recreio 1-1
Paços de Brandão — Arrifanense . 1-0
S. João de Ver — Cesarense . . 3-0
Ovarense — Esmoriz 0-1
Valonguense — Paivense 2-1
Oliveira do Bairro — Bustelo . . 0-1

Classificações:

1.os — Esmoriz e Ovarense, 17 pontos. 3.os — Anadia, Alba, S. João de Ver e Estarreja, 16. 7.os — Recreio de Águeda, Valonguense e Paços de Brandão, 15. 10.os — Oliveira do Bairro e Bustelo, 14. 12.os — Paivense e Arrifanense, 13. 14.º — Cesarense, 11. 15.os — Cucujães e Pejão, 8.

RESERVAS

Resultados da 4.ª jornada:

ZONA A

Ovarense — Lusitânia 1-1
Sanjoanense — Oliveirense . . . 0-1
Espinho — Feirense 1-2

ZONA B

Mealhada — Alba 1-3
Macinhatense — Arouca 3-2

Zona A — 1.os — Espinho e Oliveirense, 10 pontos. 3.º — Feirense, 7. 4.os — Sanjoanense, Valecambrense e Lusitânia, 6. 7.º — Ovarense, 5. (Espinho, Oliveirense e Ovarense têm mais um jogo que os restantes concorrentes).

Zona B — 1.º — Alba, 11 pontos. 2.º — Macinhatense, 8. 3.º — Ginásio de Arouca, 7. 4.º — Mealhada, 6.

JUNIORES

Resultados da 6.ª jornada:

ZONA A

Feirense — Lusitânia 0-1
Lamas — Esmoriz 0-0
Paços de Brandão — Espinho . . 1-0

Continua na página cinco

HÓQUEI EM PATINS

LISBOA, 2 — PORTO, 1

Resultou em espectáculo de muito agrado e grande brilhantismo a arrojada iniciativa (aqui devidamente anunciada) da Comissão Organizadora da Associação de Patinagem de Aveiro, trazendo a Ílhavo, no sábado, as selecções do Porto e de Lisboa, para um jogo de propaganda do hóquei em patins, integrado nas «bodas de prata» do Illiabum.

Tivemos entre nós os hoquistas campeões do mundo (na quase totalidade), num encontro inédito, segundo cremos: de facto, anteriormente, estes encontros de selecções sòmente se efectuaram em Lisboa e no Porto...

O desafio, correspondendo à enorme expectativa do público — que encheu literalmente o recinto —, foi bem disputado, com fases de excelente hóquei. Os lisboetas triunfaram por 2-1, resultado feito no segundo tempo, com golos de Livramento (2) e Américo.

Sob arbitragem do sr. António Quintela (auxiliado pelos juízes de baliza srs. Egídio Santos e Óscar Manuel), os grupos alinharam deste modo:

PORTO — Brito (Académico), Vladimiro (Académica de Espinho), Júlio Rendeiro (Infante de Sagres), Nora (Valongo) e Américo (Valongo). *Sups.* — Campos (Académico), Presas (Carvalhos) e Vítor Francisco (Valongo).

LISBOA — Vítor Domingos (C. U. F.), Vaz Guedes (Campo de Ourique), Garrancho (Benfica), Livramento (Benfica) e Leonel (C. U. F.). *Sups.* — Jorge Vicente (Benfica), José Carlos (C. U. F.) e Luís Alves (Campo de Ourique).

— No intervalo, exibiu-se, com muito agrado, a patinadora Maria Judith, campeã nacional.

— Findo o festival, os capitães das duas selecções, Vaz Guedes e Vladimiro, subiram à tribuna das entidades oficiais, recebendo o primeiro a taça em disputa, que lhe foi entregue pelo Eng.º João Barrosa, Delegado da Direcção-Geral dos Desportos.

— Um reparo: o festival prin-

Continua na página cinco

Basquetebol

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO

A contar para a sétima jornada, apenas um desafio no sábado, apurando-se este resultado:

SANGALHOS — SANJOANENSE 36-21

A outra partida (entre as equipas do Illiabum e do Esgueira) fora adiada sine die — por decisão associativa, num gesto de muita cortesia e de retribuição de anteriores gentilezas da Associação de Patinagem de Aveiro, para permitir a realização do desafio de hóquei em patins entre as selecções de Lisboa e do Porto; e acabou por ser marcada pela A. B. Aveiro para hoje, pelas 21.30 horas, retardando-se uma semana todas as subsequentes jornadas da prova.

A A. B. Aveiro viu-se forçada a determinar o adiamento e a marcar novas datas para o prosseguimento do campeonato, dado que o Illiabum não acertou devidamente com o Esgueira a questão da alteração do jogo. Sobre o assunto, correm determinadas versões, inverídicas, pretendendo-se atirar para o Esgueira a parte odiosa da questão, afirmando-se que os esgueirenses não queriam concordar com o adiamento, por má-vontade dos seus dirigentes.

Sabemos, seguramente, que não foi assim. Desde que lhe foi solicitado o indispensável acordo para a transferência do desafio, o Esgueira deu logo o seu assentimento. O que os esgueirenses não aceitaram — por manifesta impossibilidade — foram as datas (4 de Janeiro e 28 de Dezembro) propostas pelo Illiabum. Mas, desde sempre, sugeriram novas datas, depois de demonstrarem ser inviável jogar-se nos dias que os ilhavenses propuseram.

Tudo isto se pode ver no ESCLARECIMENTO que o Clube do Povo de Esgueira nos enviou,

Continua na página cinco

UM ESCLARECIMENTO DO ESGUEIRA

Com pedido de publicação, recebemos do Clube do Povo de Esgueira o seguinte:

ESCLARECIMENTO

Será isto má-vontade do Clube do Povo de Esgueira ?

Leia-se a cópia integral da carta escrita ao Illiabum Clube.

Aveiro, 27 de Novembro de 1968

Ex.mo Senhor
Secretário da Direcção do
ILLIABUM CLUBE
Ílhavo

Assunto : Alteração da data do Jogo de Basquetebol a contar para Campeonato Regional de Seniores

Ex.mo Senhor :

Acusando a recepção da carta de V. Ex.ª sobre o assunto em referência, cumpre-nos informar que este clube concorda em não jogar esse jogo no dia 30 do corrente pelas 21.30 horas, em virtude do vosso campo estar ocupado com as festividades do 25.º aniversário desse Clube. A data que nos é proposta é inviável para a realização desse jogo, pois em 4 de Janeiro do próximo ano têm início os campeonatos nacionais para ambos os clubes. Isto, já informado a V. Ex.ª logo após o recebimento da v/ carta através do vosso consócio Ex.mo Senhor Fernando Pinho.

Mais confirmamos a conversa pessoal com o vosso mui digno dirigente Ex.mo Senhor Raposo, no dia 25 à noite, informando que também o dia 28 de Dezembro não serve a este clube, pelas razões já ali expostas, como seja alteração da ordem de jogos de campeonato e, principalmente, por nessa data não termos 2 jogadores para disputar esse partida.

Mantemos a proposta feita em jogar em qualquer dia da próxima semana de 2.ª a 5.ª-feira, desde que o jogo tenha o seu início para depois das 22 horas e 30 minutos ou então para jogar no dia 30 à tarde ou no dia 1 do próximo mês de manhã, em horas deixadas à escolha desse clube.

Das conversações tidas até esta altura, ressaltam no entanto as vossas dificuldades em acertar datas para a realização desse jogo nas condições por nós propostas pois têm uma série de inibições fora do vulgar.

Assim, sugerimos ainda uma outra hipótese, talvez mais viável, desde que

Conclui na página cinco

«Há tantas e tantas coisas importantes na nossa vida. Por exemplo, tentar compreender, aceitar e se possível amparar o que de bom cresce e se forma à nossa volta, é uma delas.»

TEATRO *necessário* e *necessidade* de *teatro*

5 *Foi talvez há cerca de seis anos que, num curto espaço de tempo e no mesmo local, ouvi estas duas frases (que pretendiam ser incentivos), ambas referindo-se ao então nóvel CETA e, consequentemente, às suas actividades teatrais que, pràticamente, estavam a iniciar-se. A primeira, foi proferida nestes termos:* «Isso, isso. Vocês assim brincam, distraem-se e, ao mesmo tempo, arranjam maneira de passar bem as noites». *A outra, foi dita assim:* «Meu caro, meu querido amigo. Peço-lhe, ardentemente, que incuta nestes jovens o vício, o bicho do Teatro. Nós tanto precisamos deles e do que possam fazer pela arte!».

Elas (as frases) passaram por mim, indirectamente, é certo, mas eu quase nem me apercebi do seu sentido e da esmagadora diferença que entre elas havia (e continua a haver, naturalmente) e da tremenda injustiça de que se reveste a primeira. A minha inexperiência no meio e o estado nervoso em que me encontrava — passados foram dois ou três dias subi ao palco pela primeira vez — não me permitiram, naquela altura, reflectir sobre o que elas continham de errado ou certo. No entanto, e quase por instinto de auto-defesa, hoje, e pràticamente a partir do dia em que as ouvi, sempre que se aproxima uma estreia ou qualquer outra a•tividade teatral importante, ouço-as dentro de mim com uma nitidez impressionante, com uma sonoridade que, por me confundir, me mostra também e sempre com mais amplitude — e crueza — a negação de certo modo derrotista que transparece da primeira frase e a impressionante realidade da segunda. Uma e outra saíram da boca de duas pessoas cultas e de envergadura intelectual reconhecida; ambas proferidas com boas e louváveis intenções; ditas com a ideia de ajudar e moralizar. Mas que diferença entre elas! Oca, vazia, desoladoramente supérflua e errada, a primeira; profunda e inteligente, absolutamente dentro do espírito que rege aqueles que se interessam verdadeiramente pelo Teatro, a segunda. Como é possível julgar o Teatro (amador ou profissional o Teatro é só UM) como coisa que serve apenas para «passar o tempo», para «passar as noites» (com certeza de invernia rigorosa e fria), para «distrair e brincar»?

É claro que todos nós sabemos que, inicialmente, há sempre um motivo, um incentivo que nos empurra e seduz; o pretexto pode ser realmente o nosso sentido mais ou menos apurado de curiosidade, o querermos ganhar novos conhecimentos e amizades, ou até o facto de se nos abrir a porta de um mundo para o qual instintivamente nos sentimos atraídos; também há quem vá para o Teatro para satisfazer a sua vaidade pessoal e o seu sentido exibicionista, por snobismo ou por mera diversão, mas esses (ou essas) duram pouco, o seu fogo interior apaga-se à menor dificuldade que apareça ou ao mais pequeno sacrifício que se lhe peça, pois não são estes (nem poderiam ser de nenhuma forma!) os princípios que regem o Teatro e, portanto, as colectividades que a ele se dedicam. Tudo é a sério. Verdadeiro. Até a brincar e a rir, a dar largas ao nosso espírito curioso e amante de novas sensações, se trabalha com um fito, com um objectivo firme, com uma vontade enorme de aprender e de realizar.

Há muita gente que não faz ideia do que é um grupo de teatro amador; não calcula sequer que se luta por um ideal definido e honesto. Olha sempre com desconfiança e até, talvez, com desdém condescendente para os amadores da arte de representar. Sem qualquer espécie de justificação as pessoas não querem aderir, fogem assustadas e relativamente escandalizadas. Há quem pense que Teatro apenas significa passatempo, diversão (como quem vai ao café, ou vê TV recostado num maple, *ou ainda participa num baile familiar ou público); outros, idealizam-no como um pretexto para reuniões de mau gosto. E o mais desolador e desconcertante é que uns e outros nunca se aproximaram para, ao menos, saberem se estão certos (ou não) nas suas conjecturas e deduções e na sua maneira de pensar e exprimir a respeito do Teatro. Julgam e condenam à distância, talvez com o receio instintivo de não estarem dentro da razão e, portanto, sem coragem para enfrentar a realidade dos factos. Mas enfim. Poderia quase afirmar que o Teatro*

Continua na página dois

ARTUR FINO

ESQUEMAS *de conciliação*

O teatro — amador ou profissional — comporta implicações e responsabilidades que extravasam para além da sua mecânica estética. São problemas de prioridade que não podemos ignorar, resultantes da necessidade latente que dele se desprende e se transfunde, exigindo integral aproveitamento para benefício da formação das massas. Não podemos esquecer a informação documentalmente apta que permite motivações que podem gerar a modificação activa, exigível, das estruturas teatrais, notòriamente no que diz respeito às de semblante cansado (e tantas são elas), cujo motivo de permanência nestas situações temos de ignorar e que, contudo, vão retardando uma acção reformadora urgente.

O impulso que se liberta transmissível da engrenagem do teatro impõe uma realidade de exigência : a conjugação teatro-público — realidade distante.

A alienação inconsciente de muitos, a ignorância deliberada ou não de alguns, a acomodação cativa de consciencialização de outros e, sobretudo, uma anestesia obrigatória da maior parte, são responsáveis (também) pela realidade amorfa do panorama visível da actividade teatral. Outros ainda, orbicularmente situados (veja-se o «caso» universitário), fazem teatro para consumo próprio ou para «exportação».

Ilações tiradas do conhecimento possível — que se revelam quotidianamente —, apontam-nos caminhos diversos de consecução que, à priori, não perspectivam um encaminhamento válido, dados os condicionalismos existentes (e tantos eles são) que, impotentes para determinadas concretizações, vedam caminho à rectificação, tornando-a arriscada.

Se, por um lado, se visualisam soluções possíveis, a carecer de distribuições materiais (e não só materiais) apostas de forma racional e equitativa, também se depara com prósperas situações financeiras a pedir iniciativas válidas e renovadas. Quer dizer : enquanto existem grupos de teatro possuidores de inegável capacidade, conhecimento, actualização, formação sociológica consciente, etc., completamente despojados de tudo o que materialmente carecem, outros, senhores de abundantes capitais, situam-se demitidos, còmodamente refastelados em mediocridades produtoras, a contemplar plàcidamente enormes bigodes pendurados simètricamente pelas venerandas paredes agremiativas, revendo-se num passado todo tradição que ingènuamente prolongam em homenagem a saudosismos rançosos dos quais se alimentam e que situações de interesse ajudam a manter.

A prosperidade material (no seu mais amplo sentido) não se aliou nunca, por motivos óbvios, à prosperidade artística, ao progressivismo — premissas positivas de conciliação —, e asfixiou todo o processamento libertador de marasmos raccionários. Uma sujeição a leis de conveniência evitou o despertar para as realidades e petrificou possibilidades de consecução que hoje se sugerem dispersas e longínquas.

Esta censura que se confere, marca uma etapa negativa que urge extinguir. Se assim não acontecer, a exigível conjugação (e não apenas conjugação), quedar-se-á utópica.

Os homens de teatro, aqueles que verdadeiramente o são, não se alienam nem per-

Continua na página três

«ANGÚSTIA»

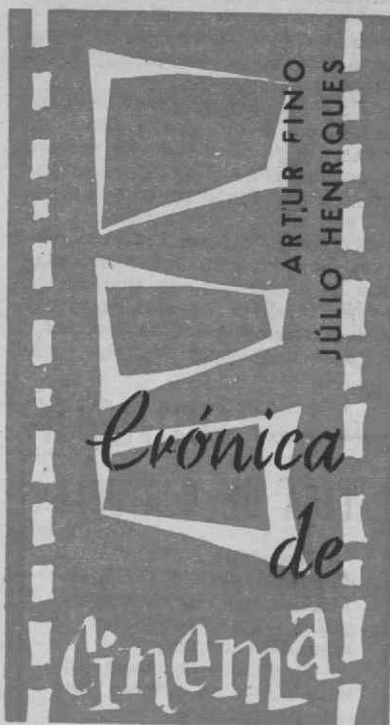
REALIZAÇÃO: François Truffaut, 1964. **INTÉRPRETES PRINCIPAIS:** Jean Desailly, Françoise Dorleác.

TRUFFAUT, hoje com 36 anos, teria mais a dizer-nos em 1964, com certeza. *Angústia* é um filme desagradável, de temática caduca, irresoluto. Em vez duma obra, Truffaut deu-nos, desta vez, uma vulgaridade de conteúdo quase folhetinesco, em que raras vezes (tècnicamente até) conseguimos antever a intenção e a intuição deste autor jovem que nos proporcionou já obras autênticas, penetrantes, que falam por si.

Entretanto, este filme, que antecede as suas últimas obras, pareceu-nos demasiado banal para que possa reconhecer-se nele um princípio consequente dessas mesmas obras. Não há um elo de autenticidade nesta realização que nos permita adivinhar, aí, mais que um intuito puramente comercial. Por isso, *Angústia* dificilmente se enquadra na linha de continuidade das suas mais recentes criações. Um ou outro apontamento estético válido — que nos escaparia se não tivéssemos atentado já na sua obra —, surge-nos tão diluído e frouxo que não justifica uma atenção por aí além.

Angústia nem sequer faz jus ao título, uma infeliz transposição para português.

A situação, por demais tratada (já na altura o era), tem um interesse muito limitado. Isto, acrescido da posta-em-cena não ter nada de especial, mesmo atendendo a que o filme tem quatro anos.

A história: um escritor e conferencista, casado e pai de uma filha, parisiense, apaixona-se (numa viagem a Lisboa) por uma hospedeira-do-ar. Não quer, porém, (como é natural...), dar nas vistas. E, aproveitando uma conferência que vai dar a Reims, resolve ficar dois dias com a sua apaixonada numa hospedaria de campo. A mulher legítima, entretanto, descobre o jogo e diz querer divorciar-se. (Não queria, claro, mas disse-o). Ele aproveita a oportunidade e vai ter com o seu amor. Sofre uma desilusão. Ela, afinal, não o ama; foi tudo um mal-entendido entre os dois, tudo muito rápido, e têm que se separar. A seguir, Monsieur Lachenay (ele) tenta uma reconciliação com a esposa. Mas já é tarde: a mulher apetrechou-se com uma espingarda de caça, vai procurá-lo ao restaurante habitual e mata-o, à frente de toda a gente (amor de perdição, como se vê).

Sobretudo esta cena final, de um melodramatismo inconsequente, cai num exagero que *Angústia* não comportava.

Aqui está como o famoso autor de *Fahrenheit 451*, um dos fundadores da *nova vaga* do cinema francês, nos «cai» de súbito (em 1964, claro) num realismo enfático, levezinho e desagradável: *La peau douce* foi desilusão.

Última nota, talvez a despropósito, dirigida aos dois cinemas de Aveiro: por que não reposições (são preferíveis, quando válidas) de filmes de extremo interesse (de um género que goza de grande aceitação geral, o *western*), como é o caso de *Perseguição Impiedosa, Hombre, Os Profissionais, Rio Bravo, Shane, O Combóio Apitou Três Vezes, Duelo de Fogo, Sangue no Deserto, Rio Vermelho, Alamo, O Homem Que Matou Liberty Valance, Vera-Cruz* e outros?

Ficamos à espera.

UM DOMINGO DE PAZ

JORGE SARABANDO MOREIRA

crónica do quotidiano

Que podem ser, leitores, estas crónicas do quotidiano?

Um rapaz cansado que se senta a uma mesa de café e olha, conspícuo, o relógio parado, mas um rosto que se abre ao sorriso solto duma criança. Uma mulher regressando da praça, carregada com o cesto de alimentos, arfando gordura, que olha de través uma bola colorida girar no espaço; um galo, por exemplo, que canta, sonoro e rubro, uma bandeira de vento. Uma lágrima, também por exemplo, que se engole e se esconde no tesouro do peito, na viagem de autocarro para casa. E tu, leitor, que lês nos olhos de espanto, estas linhas inesperadas, nunca imaginaste que o mundo pode principiar nas palavras dum amigo?

A treva, como um pão amargo, avivou esta fome de sonho; e a súbita fremência que se desfraldou nos nossos rostos apagou-se, habita em nós como um remorso, um imenso remorso, um punhal cravado no futuro. A luz fria dum domingo de província desperta, por vezes, um ânimo renovado que um sopro de paixão leva a concretizar-se numa palavra levedada de esperança.

Passou-nos pelas mãos uma velha revista inglesa, já amarelecida pelo tempo, que apresentava, na indiferença duma sétima página, uma fotografia, rica na sua sugestividade, principalmente nos tempos de hoje, num mundo dividido pela ganância e egoísmo de alguns: um grupo de civis alemães visitava, a convite dos militares ocupantes, o campo de concentração de Buchenwald, onde a visão dos fornos crematórios lhes causava uma certa incredulidade, pelos horrorosos crimes cometidos a coberto da sua ignorância. Efectivamente, esses homens e mulheres do povo teriam até vibrado ao longo de tantos anos com os sonhos megalómenos e as verbosas arengas do ditador nazi. Mas não podiam acreditar que o mito da raça omnipotente pudesse servir de justificação para que zelosos servidores do estado alemão cometessem tantas e tão horríveis torturas e crimes dos mais nefandos. E contudo, decorridos vários anos desde a publicação da referida gravura, há quem se interrogue, com feridas vivas que não mais se apagam, se os maiores responsáveis terão sido punidos.

Mãos que se abrem num domingo de paz.